



O ROTACISMO DO FONEMA // NO DIALETO CAIPIRA PAULISTA

Palavras-Chave: FONOLOGIA, ROTACISMO, DIALETO CAIPIRA

Autores(as):

RAFAEL RÉGO FERREIRA, IEL – UNICAMP

Prof^(a). Dr^(a). MARIA FILOMENA SPATTI SÂNDALO (orientadora), IEL - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Uma das características mais reconhecíveis do dialeto denominado “caipira”, mas não exclusiva a ele, é a presença do fone [j] em coda silábico. Tal fone, além de ser a expressão em coda típica do fonema /R/ nesse dialeto, pode também ser um alofone do fonema // . O fenômeno em que o fonema // é foneticamente expresso como [j] é denominado rotacismo. O fenômeno do rotacismo do fonema // consiste na produção fonética de // como uma aproximante [j] em coda silábico, ou como um tepe [j] em ataques silábicos ramificados (CASTRO, 2006, pág.85). Tal fenômeno difere da realização fonética de // como [w], mais difundida pelo Brasil (SILVA, 1999, pág.150). Este trabalho foca seu interesse na realização do fonema em coda exclusivamente.

Os principais objetivos desta pesquisa eram descobrir se tal fenômeno é permitido em todos os contextos fonológicos ou se em certos contextos outras expressões fonéticas eram preferidas (no caso: [w] ou o apagamento do fone), bem como se tal fenômeno ocorria de modo diferente na gramática de falantes oriundos da zona rural comparado aos falantes oriundos da zona urbana. Para isso, realizaram-se dois experimentos com participação de 8 voluntários residentes na Região Imediata de Marília: 4 originários da zona rural e 4 originários da zona urbana. Dentro desses dois subgrupos, todos os voluntários originários da zona rural tinham mais de sessenta anos, três eram mulheres e somente um havia cursado o ensino médio, já sobre os voluntários originários da zona urbana, somente uma tinha mais de sessenta anos, três eram mulheres e todos haviam pelo menos ensino médio completo.

METODOLOGIA:

Para averiguar se havia contextos de ocorrência em que havia preferência de uma forma sobre outra, bem como se havia diferenças no comportamento do fenômeno do rotacismo entre falantes de origem urbana e falantes de origem rural, realizaram-se três experimentos: um de

produção, um de percepção e um de narrativa. Os dois primeiros experimentos foram montados tendo como base uma mesma lista de palavras.

No que diz respeito à lista de palavras, ela foi constituída de 16 palavras com // em coda silábico em diversos contextos fonológicos, no caso: tônica inicial, átona inicial, medial, tônica final, átona final e monossílabo. À lista também foram adicionadas 4 palavras com /u/ em coda silábico e 10 palavras distratoras que também apresentassem fonemas com mais de um alofone possível. Desse modo, 22 palavras foram efetivamente analisadas.

No experimento de produção, uma frase era lida aos participantes pelo pesquisador, a frase continha uma palavra faltante, sempre lida pelo pesquisador como “palavra”, juntamente a isso era mostrado aos participantes uma imagem de auxílio, dados o contexto da frase e da imagem, pedia-se que os falantes dissessem a palavra faltante. Por exemplo, foi mostrada a imagem de um balde aos participantes e lhes foi lida a frase “A Mara levou um ‘palavra’ cheio de manga pra Tônia”, esperava-se que dissessem a palavra “balde”, ou como [bawd̥ʒ] ou como [bad̥ʒ]. O objetivo desse experimento era averiguar se o voluntário realizaria o rotacismo naturalmente. Após isso, realizou-se o experimento de produção, no qual se apresentava aos participantes gravações de áudio da leitura de uma frase curta que contivesse uma palavra com o fonema // ou o fonema /u/ em coda silábico, na gravação a frase era lida três vezes, em cada vez a palavra que continha // era lida com uma de três variantes fonéticas diferentes, a saber: [w], [ɥ] e realização nula. Por exemplo, usando a palavra “balde”, tocou-se-lhes uma gravação de áudio da frase “Esse balde é amarelo” na qual a frase foi lida três vezes, cada uma com uma das variantes fonéticas mencionadas, ou seja, [bawd̥ʒi] [bad̥ʒi] e [bad̥ʒi]. Pedia-se aos falantes que dissessem de qual desses modos uma “pessoa da roça” falaria, os participantes poderiam responder que mais de um ou até todas as variantes eram possíveis. Reforça-se aqui que ao perguntar se esse era o modo de falar de uma “pessoa da roça”, os voluntários não estariam respondendo necessariamente sobre seu próprio modo de falar. O objetivo desse experimento era averiguar se havia posições em que o rotacismo era favorecido e se o voluntário em questão distinguia os fonemas // ou /u/ em coda ou não, no caso negativo, presumiu-se que ele aceitaria o rotacismo de palavras com /u/ em coda. Nesse experimento, as respostas não foram gravadas, apenas anotadas no papel.

No caso do experimento de narrativa, pediu-se a alguns dos participantes que contassem uma história pessoal de suas infâncias. A ideia era deixar que palavras que contivessem o fonema // em coda silábico fossem realizadas de modo o mais espontâneo possível. Esse experimento foi realizado em apenas três participantes, as três mulheres oriundas da zona rural, enquanto os outros dois experimentos já mencionados foram realizados com todos os oito participantes.

No caso dos experimentos de produção e de narrativa, as respostas dos participantes foram gravadas em um smartphone utilizando o aplicativo *Gravador de voz fácil* e os arquivos de áudio foram salvos no Google Drive.

A expressão fonética do fonema // pelos participantes, no caso do experimento de produção, e as expressões fonéticas aceitas por eles, no caso do experimento de percepção, foram anotadas em duas distintas planilhas, uma para cada experimento, em que nas linhas estavam as palavras em questão e nas colunas estavam identificados os falantes. Marcou-se nas células dessa planilha as respostas dos falantes com [j], [w] ou [-] representando o rotacismo, a ausência de rotacismo e a realização nula do fonema, respectivamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Sobre os resultados dos experimentos, houve apenas uma ocorrência de rotacismo em todo o experimento de produção, no caso, na medial "revólver". Isso pode indicar que o rotacismo é um fenômeno socialmente estigmatizado, uma análise da atitude dos falantes em relação ao fenômeno do rotacismo está presente mais abaixo. Já em relação ao experimento de percepção, pôde-se responder satisfatoriamente às questões colocadas. Em relação à preferência posicional e tônica, foi encontrado que a posição medial é onde há preferência maior pelo rotacismo, já nas posições finais independente da tonicidade, bem como nos monossílabos, houve preferência pelo apagamento, tal preferência pelo apagamento foi encontrada nos falantes de origem rural, mas também em dois falantes de origem urbana. Em relação à manutenção da distinção entre // e /u/ em função do rotacismo, percebeu-se que entre os falantes rurais houve uma forte rejeição, mesmo que não absoluta, à realização fonética de [j] para /u/, rejeição que não ocorreu entre os falantes urbanos. Tal resultado é um indício que os falantes urbanos não mais distinguem os fonemas // e /u/ em posição átona, ou seja, eles se encontram neutralizados. Em contra partida, tal neutralização ainda não ocorreu por completo nas variedades rurais. Isso também é um indício de que o fenômeno do rotacismo já se perdeu nas variedades urbanas de português da região, mas não nas variedades rurais.

Sobre o experimento de narrativa, ele foi abandonado para a análise de dados, posto que ele só pôde ser aplicado em alguns dos participantes e, dada a frequência relativamente baixa de palavras com o fonema // em coda e a presença do fenômeno do rotacismo em apenas uma das já poucas palavras recolhidas na aplicação desse experimento, decidiu-se abandonar o experimento de narrativa para análise de dados, pois ele não contribuiu com a exploração do fenômeno.

Sobre a atitude dos falantes em relação ao fenômeno do rotacismo e à identidade caipira, percebeu-se um distanciamento até mesmo por parte dos falantes de origem rural da identidade caipira. Somente uma das falantes, a falante que morou e trabalhou a maior parte de sua vida na zona rural, identificou claramente o fenômeno do rotacismo como parte de seu modo de falar, os outros o definiram como um erro que “às vezes escapa” e, principalmente, como algo que percebem na fala de outros, muitas vezes a de parentes já falecidos, tal reconhecimento do fenômeno como típico da fala de conhecidos estava presente tanto em falantes de origem urbana quanto em falantes de origem rural. Tais achados diferem dos achados de Bento (2021) sobre a identificação com o modo de falar caipira

na região de Piracicaba, nos quais a maioria dos entrevistados de fato identificou seu modo de falar como o modo de falar caipira.

CONCLUSÕES:

Este artigo expôs um trabalho de pesquisa experimental sobre o fenômeno do rotacismo do fonema /l/ em coda silábico no dialeto da Região Imediata de Marília, no Oeste de São Paulo. Na pesquisa realizaram-se três experimentos, dois dos quais contribuíram para a análise de dados e formulação de conclusões. No caso, um de produção, que avaliava a ocorrência ou não do fenômeno em questão na fala de falantes voluntários, e um de percepção, que avaliava a presença ou não de preferências posicionais para a ocorrência do rotacismo comparado com a ocorrência de apagamento ou de [w], bem como se havia a neutralização entre /l/ e /u/ na gramática dos falantes.

No experimento de produção, houve apenas uma ocorrência de rotacismo espontâneo entre os falantes, mesmo os oriundos da zona rural. Acredita-se que o grau de formalidade da situação de aplicação do experimento tenha sido um fator de contenção da saliente e estigmatizada variante [l]. Já no experimento de produção, em todos os falantes zona urbana houve uma generalização do fenômeno do rotacismo, ele foi aceito tanto em palavras grafadas com / quanto em palavras grafadas com *u*, esse é um indício de que os fonemas /l/ e /u/ realmente se encontram neutralizados nos dialetos urbanos da região de Marília e que esses falantes não apresentam a regra para o rotacismo em suas gramáticas, apenas um estereótipo desta. Por outro lado, houve uma rejeição em maior escala do rotacismo de /u/, o que indica uma ausência dessa neutralização em dialetos rurais. Ademais, foi encontrada uma maior preferência pelo rotacismo na posição medial e preferência pelo apagamento nas posições finais independente da tonicidade, bem como nos monossílabos.

BIBLIOGRAFIA

- BENTO, Danielle Baltieri. ***Caipiracicabano: Avaliações linguísticas de residentes em Piracicaba-SP sobre o caipira e o piracicabano***. 2021. Monografia – Unicamp, Campinas, 2021.
- CASTRO, Vandersí Sant'ana. ***A Resistência de Traços do Dialeto Caipira: Estudo com Base em Atlas Lingüísticos Regionais Brasileiros***. 2006. Tese de doutoramento em Linguística – Unicamp, Campinas, 2006.
- SILVA, Thaís Cristófar. ***Fonética e fonologia do português***. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1999.